

Socializar aprendizagens e mediar informações: interfaces e contribuições da perspectiva freiriana á ciência da informação

Socialize learning and mediate information: interfaces and contributions from the Freiriana perspective to information science

Marcelo Calderari Miguel

Bibliotecário

marcelocalderari@yahoo.com.br

Sandra Maria Souza de Carvalho

Bibliotecária

MBA em Biblioteconomia

sandramsc@gmail.com

Rogério Zanon da Silveira

rogerio.silveira@edu.ufes.br

Recebido em: 20/10/2021

Aprovado em: 11/11/2021

Resumo

O objetivo deste artigo identificar possíveis contribuições que nascem da interface entre a Ciência da Informação (CI) e a aprendizagem mediada pelas contribuições de Paulo Freire. Trata-se de um estudo teórico com intersecções temáticas entre a Ciência da informação e a Educação. Destaca-se que ambas tem construído interfaces fecundas, principalmente no campo da socialização da informação, considerando fundamentos da pedagogia freireana, e que essa mediação pode trazer contribuições significativas com o aprofundamento dos estudos. Como metodologia da pesquisa, além da pesquisa bibliográfica dos livros de Paulo Freire, buscamos por autores que dialogassem com a temática. Nesse processo, buscamos analisar a concepção do educador e do profissional da informação, que emerge de atividade profissional e propor, de acordo com a teoria de Paulo Freire, caminhos para que os (as) profissionais se reconheçam e se assumam como mediadores, autores, autônomos e criadores. Conclui-se que muitos são os fatores a serem superados, mas, que à luz da teoria de Freire, podem ser superados através de luta, resistência, competência científica, ética, democracia, coerência e tantos outros quesitos que o ensinar exige.

Palavras-chave: Paulo Freire. Ciência da Informação. Mediação. Socialização da informação.

Abstract

The aim of this article is to identify possible contributions that arise from the interface between Information Science (IC) and learning mediated by Paulo Freire's contributions. This is a theoretical study with thematic intersections between Information Science and Education. It is noteworthy that both have built fruitful interfaces, especially in the field of socialization of information, considering the fundamentals of Freire's pedagogy, and that this mediation can bring significant contributions with the deepening of studies. As a research methodology, in addition to the bibliographical research of Paulo Freire's books, we searched for authors who dialogued with the theme. In this process, we seek to analyze the conception of the educator and the information professional, who emerge from professional activity and propose, according to Paulo Freire's theory, ways for professionals to recognize themselves and assume themselves as mediators, authors, self-employed and creators. It is concluded that there are many factors to be overcome, but, in light of Freire's theory, they can be overcome through struggle, resistance, scientific competence, ethics, democracy, coherence and many other requirements that teaching requires.

Keywords: Paulo Freire. Information Science. Education. Mediation. Socialization of information.

1 O AGIR DE PAULO FREIRE E SUAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Partindo de uma análise das políticas públicas para a educação, são observadas que são decididas de cima para baixo, do âmbito macro para ser aplicada no micro, acarretando diversos problemas como fracasso escolar (notas baixas, reprovação, etc.), a indisciplina, a falta de autonomia e criação por parte do docente tornando-o mero executor. Quando os educadores apenas executam e não pensam, planejam, criam e avaliam o que produziram, eles se estagnam, tornam-se alienados ao processo, servindo assim ao discurso hegemônico neoliberal:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural” [...]. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. (FREIRE, 2017, p. 21).

Contrariando essa ideologia fatalista, Freire traz que “[...] a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro [...] é problemático e não inexorável” (2017, p. 20) e que, portanto a educação enquanto possibilidade implica escolhas e tomadas de decisões, é por isso política, sendo impossível a neutralidade.

Toda prática educativa envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 2017, p. 68).

Deste modo, se um educador se diz neutro, opta por manter a ordem vigente. Por isso que social, histórico, cultural e consciente da educação como escolha política, demandamos currículo e práticas diferentes não havendo modo de abarcar essa diversidade e transformar a realidade simplesmente aplicando o currículo oficial.

Nesta pesquisa a escolha para analisar este movimento de busca por parte do docente e doprofissional da informação com vistas à criticidade e libertação foi baseada em Paulo Freire cuja proposta de currículo se dá a partir da realidade dos profissionais de informação com vistas à libertação, criticização e humanização demandando que a profissão informacional seja atividade de criação, que o profissional seja autor na construção e criação de sua prática mediadora e currículo.

Porém isso implica considerar várias dimensões como, por exemplo, a formação inicial, que por vezes forma o profissional aos moldes neoliberais, a formação continuada, que nem sempre é ofertada e quando o é, geralmente disponibilizada a noite (fora do horário de trabalho), tem seu acesso dificultado, e a formação permanente que o profissionalbusque autonomamente, pois conforme Freire, somos seres inconclusos “o inacabamento do ser ou sua inconclusas é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (2017, p. 50), visto que, estamos em um constante processo de busca, “a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (2017, p. 54) e de aprendizagem “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (2017, p. 57),

Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação, da nossa inconclusão assumida. [...] Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes de inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas para, aprender”,exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puro objeto do processo nos faça (2017, p. 57-58).

Nesse contexto, em contrapartida a visão do docente como executor de propostas prontas, Giroux argumenta que o educador deve se caracterizar como intelectual:

Primeiramente, ela [categoria de intelectual] oferece uma base teórica para examinar-se a atividade docente como forma trabalho intelectual, em contraste com sua definição em termos puramente instrumentais ou técnicos. Em segundo lugar, ela esclarece os tipos de condições ideológicas e práticas necessárias para que os professores funcionem como intelectuais. Em terceiro lugar, ela ajuda a esclarecer o papel que os educadores desempenham na produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais variados através das pedagogias por eles endossadas e utilizadas (1997, p. 161).

Mas que exige que o docente aplique perfeitamente e se o aluno não aprende é culpa dele por não ter se dedicado, ou seja, ou o aluno dá um jeito e estudar ou se conforma que a escola não é pra ele.

Pesquisar sobre a relação do docente com a criação do conteúdo e em que medida essas escolhas refletem na aprendizagem dos alunos. E a proposta teórica de Paulo Freire contempla em relação ao tema dessa pesquisa, trazendo o “por que” isso acontece a partir dos âmbitos político, social, cultural, econômico e “como” fazer diferente .

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa, busca compreender qual é a visão de Paulo Freire a respeito do educador intelectual, autônomo e criador do currículo e as implicações para a prática pedagógica comprometida com a libertação e criticidade.

2 PERSPECTIVAS DE FREIRE E A CRÍTICA A EDUCAÇÃO BANCÁRIA

A liberdade é uma conquista, e não um presente, dessa forma, estabelece uma constante busca. Nenhum indivíduo possui liberdade para ser livre, pelo contrário, luta por ela, exatamente porque não a tem. Não é portanto a liberdade uma questão ideal longe dos indivíduos, ao qual inclusive eles se alienam. Também não é idéia que se crie mito. Faz-se condição imprescindível ao movimento de busca dessa liberdade em que estão inseridos as pessoas como seres inacabados. Dai, é necessário que se estabeleça a superação do estado opressor, o que provoca o conceito crítico. Em razão desta ocorrência, para que, através de uma ação transformadora se sobressaia sobre ela, e se instaure outra, que aceite a busca libertadora e livre de opressões, no momento em que se inicie a verdadeira luta para criar a si mesmo.

Discorrer sobre libertação é reconhecer a opressão e a falta de liberdade. Isso alude à existência dos indivíduos que oprimem e dos que são oprimidos. Suposta analogia na qual a pensada liberdade de uns ocasiona a impossibilidade da liberdade de outros. Ou seja, consiste em uma incoerência entre opressores e oprimido.

O pesquisador Freire (1987) assinala os limites da compreensão tradicional de ensino, motivada no positivismo, que de acordo com o que ele explica, oprime os educadores, por meio de métodos impostos que privilegia depósitos de conteúdos e informações, de forma mecânica e fora de contexto, processos que acontecem que acabam com a autonomia, que tornam o docente executor e não criador.

Freire (1987), ainda reporta que, a repressão que conduz os educadores à memorização mecânica do conteúdo imposto e que transforma os alunos em recipientes a serem cheios, e, assim, quando mais cheio estiver, melhor. A educação é vista como “ato de depositar”, em que os alunos são os depositários e o docente o depositante.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu

poder, não podem ter, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 1987,p.17).

Entretanto, a educação como pedagogia humanista e libertadora, terá como base na visão de Freire (1987), dois discernimentos: primeiro, em que os oprimidos vão se expondo ao mundo da opressão e vão empenhando-se na prática com a sua mudança; e segundo, ainda de acordo com o pesquisador, acontece quando a realidade opressora é transformada, então deixa de ser opressão e passa a ser a pedagogia dos indivíduos em método de constante libertação. Em qualquer destes momentos, será sempre a ação intensa, pelo meio da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação.

Através da educação libertadora, não devemos propor meras técnicas para se chegar à alfabetização, à especialização, para se conseguir qualificação profissional, ou pensamento crítico. Os métodos da educação dialógica nos trazem à intimidade da sociedade, à razão de ser de cada objeto de estudo, através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-la, desvendá-la, ver as razões pelas quais ela é como é. O contexto político e histórico em que se insere. Isto é para o autor, um ato de conhecimento e não uma mera transferência de conhecimento, ou mera técnica para desenvolvimento do trabalho intelectual sério. Enquanto ser humano consciente se pode redescobrir como ser condicionado pela ideologia dominante. Pode-se distanciar-se de sua época, pode-se aprender, portanto, como se libertar através da luta política na sociedade. Pode-se ainda, lutar para ser livre, precisamente porque se sabe que não somos livres! E por isso que o professor pode pensar na transformação sobre a vida de seus alunos para então praticar um ensino libertador, e não fechado (FREIRE, 1987).

Deve-se, então, entender o ensino como forma de despertar a criticidade a partir da busca pela ampliação de sua consciência social, para, assim, conseguir atingir à autonomia. As concepções de Paulo Freire constituem a possibilidade de elaborar uma pedagogia capaz de ser expressiva na perspectiva de uma educação crítica, transformadora e libertadora (FREIRE,1996).

2.1 REFERÊNCIAS DE FREIRE AO PROFESSOR COMO SUJEITO DE SUA PRÁTICA

Para o pesquisador Freire, o ato de ensinar exige uma metodologia com rigor. O pesquisador cita ainda que:

A importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é

muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador (FREIRE, 1996,p.13).

O autor revela que a educação escolar perpassa por uma conduta autônoma. A respeito dessa autonomia, há diferentes formas para se chegar à autonomia docente, dentre elas por meio da pesquisa, que tem a finalidade de chegar ao conhecimento, o reconhecimento e a individualidade de cada aluno. Para o pesquisador, a educação possui atitude exclusiva e possível de se chegar até o conhecimento, desde que o professor respeite a bagagem, a cultura que cada aluno traz consegue, para parti-la daí dedicar-se ao ensino aprendizagem. Diante do exposto, problematizar essa perspectiva da educação necessita ser o fio condutor para a realização de uma pesquisa coesa (FREIRE,1996).

Freire (1996) tem uma descrição bem específica da análise que tem do conceito da sociedade que, como ele explica, está sucessivamente em constante movimento. De tal modo, que coloca a educação não como uma neutralidade, mas sim de forma atuante no campo da política. A “leitura de mundo”, tanto citada pelo autor, é, de fato, um bom elemento para que os cidadãos se tornem aptos ao intervirem na sociedade na qual estão inseridos. Outro embasamento se dá no intuito de oferecer avanços para um aprendizado mais voltado para o discente, no qual ele sinta esse desejo de ser protagonista de sua formação humana, voltada para os aspectos educacionais e, sobretudo, para a ampla busca da autonomia.

Na visão de Freire (1996), não se deve tratar o aluno com ironias, também não se deve desprezar seu pensamento, mas sim inquirir a sua curiosidade, e assim permitir que chegue de fato a uma adequada autonomia, explorar os seus conhecimentos, a sua bagagem cultural, a fim de adquirir uma verdadeira aprendizagem.

Destarte, o princípio da autonomia é como o indivíduo dialogicamente encontra a possibilidade de direcionar o caminho de sua própria história, adquirindo para si uma atitude crítica. Entretanto, para dialogarmos sobre autonomia, liberdade e igualdade, havemos de retratar o início desses princípios na história da educação que foi a democracia escolar, e nesse padrão ideal de pensamentos as pessoas passaram a serem vistas como frutos de sua história e colocado em um patamar mais igualitário na sociedade.

No entanto, Freire (1996), nos auxilia a ponderar ainda, que uma das atividades mais relevantes do ensino do método educativo de forma crítica é proporcionar condições em que os alunos em suas relações com seus colegas de sala, e todos com o educador, ensejam a intensa experiência de revelar-se como um indivíduo histórico social, como um ser criativo, pensante, comunicador transformador, que consiga realizar seus sonhos e também seja capaz de sentir raiva porque é capaz de sentir amor, pois ambos partem de uma liberdade para chegar a um verdadeiro conhecimento. A educação, portanto, não carece de ser limitada, mas sim aberta a todos aqueles que estão inclusos dentro desse método educacional como incompleto.

2.2 PERCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE O SEU PAPEL: CRIADOR OU EXECUTOR?

A educação é um assunto de extrema importância, avaliando-se, especialmente, as transformações que tem acontecido no mundo, e que se refletem abertamente, nas

relações humanas no campo social, cultural, econômico e político. Portanto, essa dinâmica transformadora intervém intensamente na vida dos indivíduos e, em sequência, nos assuntos educacionais que não podem estar separadas desse argumento.

Diante do exposto, o momento é de ponderação acerca dos métodos educacionais, questionando-se como, porque e a quem educar, em plena intensidade e essência. Nesse cenário de rápidas mudanças da sociedade e da informação, a educação apresenta modificações e surge constituindo distintas vertentes que privilegiam tanto a magnitude humana quanto a técnica, o emocional, a sociopolítica e a cultural, trazendo-nos a repensar a problemática do ensino e da capacidade docente.

Essas alterações nos levam a refletir a maneira de vivenciar o método educacional, a pensar a respeito da capacidade do docente, analisando sobre o seu papel como educador, o qual seja um profissional crítico e inovador ou simplesmente aquele que segue um currículo padrão, pois assim não tem trabalho em buscar coisas novas, consideram tão mais fácil pegar o que está pronto do que ir buscar mais além. O currículo passivo mostra que quem possui a autoridade dominante é o professor, cortando qualquer ideia criativa dos alunos, tornando-os consequência de uma educação dentro de uma caixa, onde o professor apenas deposita o conhecimento, não os ensina a pensar, a refletir, a se tornar um cidadão crítico.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educados a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário”[...] É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educados criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educador de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educados, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os discentes vão se transformando em reais sujeitos da construção e da continuação - tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educados, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educando vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educados (FREIRE, 1996, p.10-11).

Portanto, o professor criador deve pensar que a educação concretiza-se pelo diálogo e objetivas mudanças a partir da reflexão sobre a realidade. Nesta abordagem,

o aluno é ativo, observador e indagador de suas opiniões e percepções.

Faz-se importante ressaltar que, o modelo de educação que queremos hoje em nossa sociedade é aquela que ensina os valores para um ser se tornar cidadão, além de um conteúdo sistematizado. Agora faz parte do papel da escola formar o aluno para ser cidadão e atuar no mercado de trabalho, para isso é preciso que educadores façam seus trabalhos de maneira íntegra, englobando as diversas diferenças existentes dentro da sala de aula, sejam de raça, crença ou qualquer outro fator, todos com o professor como elemento mediador do processo ensino aprendizagem. O ensino e a aprendizagem ocorrem por meio de trocas dialógicas, como reporta o pesquisador Freire (1986).

3 MATERIAS E MÉTODOS

3.1 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

Inicialmente, realizamos um levantamento de livros e artigos que tratam da temática de professor intelectual, autonomia e fracasso escolar, eselecionamos um livro e um artigo que tratam do tema e que dialogam com a perspectiva de Freire. Após a realização da leitura e síntese, que são os seguintes:

Quadro 1 –Autores que dialogam a perspectiva freiriana.

Título do texto	Autor	Tipo e ano de publicação
Professores como intelectuais transformadores.In: Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.	Henry A. Giroux	Livro, 1997
A didática que emerge da Pedagogia do Oprimido	Valter Martins Giovedi, Itamar Mendes da Silva, Débora Monteiro do Amaral	Artigo, 2018

Fonte: os autores, com base no livro e artigo, citados acima, agosto de 2021.

Atualmente, Freire tem sido alvo de muitas críticas que o apontam como causa da péssima educação no Brasil sugerindo que outra pessoa deveria ser o patrono da educação. A educação realmente está ruim, péssima! Mas com relação a Paulo Freire, o que é praticado nas escolas que se baseia nele que fez a educação ficar assim?” e a partir daí começa o diálogo”. Geralmente os que dizem gira em torno de três pontos facilmente desconstruíam: Freire defende que não tem que ter currículo algum, Freire defende que o aluno escolhe o que quer estudar e não estuda nada, e que por isso o professor perde a autoridade e os alunos assumem o controle.

Portanto Freire contempla A questão norteadora e envolve assuntos considerados fundamentais nas discussões de forma mais latente atualmente sobre educação, política, cidadania, sociedade, economia etc. trazendo em suas obras explicações do “porque” isso acontecer e “como” fazer diferente. Para tanto, foram selecionadas quatro obras:

Quadro 2 – Obras selecionadas a luz freiriana

Título do texto	Autor	Tipo e ano de publicação
Medo e Ousadia: o cotidiano do professor.	Paulo Freire	Livro, 2008.
Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.	Paulo Freire	Livro, 2017.
Pedagogia do Oprimido.	Paulo Freire	Livro, 2018.
Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar	Paulo Freire	Livro, 2017.

Fonte: autoria própria.

A partir dos discursos é possível observar se são por enxergar apenas o superficial do contexto, se é o discurso disseminado nas mídias ou se é má fé. Freire traz que a crítica ocorre inevitavelmente, mas “o direito de criticar e o dever, ao criticar, de não faltar à verdade para apoiar nossa crítica é um imperativo ético [...]” (FREIRE, 2017, p. 69).

Tais obras atendem ao primeiro objetivo de analisar nas obras de Freire a concepção que delas emerge de professor como intelectual e o terceiro objetivo que é propor, de acordo com a teoria de Paulo Freire, caminhos para que os (as) profissionais se reconheçam e assumam como intelectuais, autores, autônomos e criadores.

3.2 PESQUISAS EMPÍRICAS EM DESENVOLVIMENTO

A presente pesquisa empírica para produção de dados possui caráter qualitativo e dessa forma expressa:

“[...] um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno” (GODOY, 1995, p.21).

Para tanto, foi realizada através da aplicação de um questionário por meio do aplicativo whatsapp a dez professores (as) do Ensino Fundamental de séries iniciais da rede pública dos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica.

O questionário se dividiu em perguntas mais gerais que abrangeram a formação inicial, o tempo de atuação e disciplinas lecionadas com intenção de compreender em que época e contexto se formaram como era o ensino da época e observar traços superados e os que permaneceram. E as específicas sobre como realizam, organizam, desenvolvem e aplicam o planejamento e as atividades para entender como atuam, seus critérios de escolha e se tem clareza dos mesmos. As perguntas sobre o que consideram ser um intelectual e se acreditam o ser disse muito sobre a busca pela formação permanente, de se aprimorar, se consideram necessário, se há oferta de formação continuada e de que maneira isso reverbera na sala de aula. E por fim se possuem ou não autonomia docente e quais obstáculos enfrentam para afirmá-la revelou questões

Figura 2 –Wordcloud das respostas dos docentes entrevistados



Fonte: os autores com base nas respostas dos entrevistados,2021

Pode-se observar pela fala dos respondentes que a organização das atividades e conteúdo das aulas e a utilização do livro didático, as palavras que mais se destacaram foram: atividades, ensino, muito, conteúdo possível, avaliação, realidade, sugestões, aprendizagens, recursos, livro, caderno, vídeos, dupla e trios. As respostas remetem-se a escassez do livro didático que não tem para todos os alunos e o professor para trabalhar o conteúdo do livro didático, tem que formar dupla ou trios de alunos, além de utilizar outros recursos no seu dia a dia educacional.

A terceira pergunta realizada aos professores entrevistados foi: Você acha que possui autonomia como docente? Por quê? Quais são os principais obstáculos que você enfrenta para afirmar a sua autonomia como docente?

Figura 3 –Respostas de acordo com a “técnica free elicitation.



Fonte: os autores com base na análise das respostas dos entrevistados,2021

De acordo com a nuvem de palavras, apesar da estrutura escolar, direção, a falta de apoio da Coordenação, os professores acham que possuem autonomia, e veem como principal obstáculo para essa autonomia a coordenação escolar.

Quanto a quarta e última pergunta: Como docente você se considera intelectual?

Na perspectiva de Paulo Freire (2011,p.55) o educador como intelectual entre outras “atribuições deve ter: compreensão do processo produtivo,ensinar exige apreensão do processo produtivo” “humildade de admitir que não seja o sujeito, ensinar exige apreensão da realidade” “humildade de admitir que não seja o sujeito do processo de aprendizagem”.

Assim, a educação é concebida como um instrumento fundamental e essencial para a formação da consciência crítica e da capacitação específica dos indivíduos de uma dada sociedade. Diante dessas considerações fica explícito a importância do professor como um dos elementos que se insere, intrinsecamente, no cerne do processo educacional e para tanto deve ter um preparo adequado, isto é, uma competência profissional. Dessa forma para o reconhecimento de uma realidade de ensino que tem por objetivo o conhecimento e aprendizagem dos alunos.

4.2 SABERES E FAZERES DO PROFESSOR A PARTIR DA PERSPECTIVA DE FREIRE

O pesquisador Freire (1996), cita que uma das tarefas primordiais para o educador democrático é trabalhar a rigorosidade metódica com que os professores devem se aproximar dos objetos do conhecimento. Ensinar não se limita ao “tratamento” superficial dado ao objeto ou conteúdo, mas, ao contrário, engloba a produção das condições em que aprender criticamente é possível. “E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (Freire, 1996, p. 29).

Dentro da perspectiva da rigorosidade metódica, Freire (1996), ainda destaca a “impossibilidade do professor mecanicamente memorizador vir a tornar-se um professor crítico e a importância da metodologia em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente, e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 1996, p. 31)”.

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível à pressuposição por parte dos alunos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os alunos serem simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educados vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de conhecimento transferido, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, se transforma em aprendizagem pelos alunos.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória não percebe, quando realmente existe nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no país, na sua realidade.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educados que uma das maneiras de estar no mundo e com o mundo , como seres históricos, é a capacidade de, intervir no mundo, conhecer o mundo. O conhecimento do mundo tem historicidade e ao ser produzido, o conhecimento se renova, supera o anterior. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e

aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo: em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.

Parafrazeando Freire (1996), “não há docência sem dissidência”, “Ensinar não é transferir conhecimento” e “Ensinar é uma especificidade humana”, são os três eixos que articulam os diferentes saberes. É por isso que não há docência sem dissidência, uma vez que as duas posturas se complementam e seus sujeitos, apesar das suas peculiaridades, não se reduzem à condição de objeto. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

Não se pode pensar em ensinar se os educadores, não assumirem a condição de eternos aprendizes. Para isso, ao invés de ser simples transmissores de conhecimentos, devem-se assumir como sujeitos da produção do saber, criando as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996).

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

É esta percepção do homem e da mulher como seres ‘programados, mas para aprender’ e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educado (FREIRE, 2017, p.142).

A educação deve ser uma troca de conhecimentos entre professores e alunos, onde um aprende com o outro, através de centros de interesse, experiências, curiosidades, a partir disso ambos aprendem muito, pois não será algo decorado, memorizado apenas para passar de ano ou para ganhar promoções e sim porque houve um aprendizado significativo, este com certeza não será esquecido, por partir de algo que querem aprender e não de atividades soltas, sem nexos com a realidade da população interna da escola. A realidade deve ser sempre utilizada para trabalhar os conteúdos propostos no plano de estudo da escola, não precisa o professor apenas pegar um livro didático e dar as atividades deste, ele pode e deve ligar estes conteúdos com a realidade, o interesse dos alunos.

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que insere o professor numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professor, educador, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido a tarefa de ensinar, o qual é uma tarefa profissional que exige amorosidade, criatividade, competência científica, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa carece da criação dos conceitos para um ensino aprendizagem criador e alegre na escola.

Destaca-se, como contribuição a presente pesquisa, que o ensino deve proporcionar a liberdade de expressão nas experiências de vida a fim de transformá-las num conhecimento científico, respeitando, portanto, todo tipo de conhecimento prévio.

Nessa perspectiva, um processo de ensino acompanhado do processo de conhecimento na construção de práticas sociais é essencial. Paulo Freire propõe a

educação com efetividade, evidenciando, para isso, uma relação pedagógica cultural que prioriza a participação do educando, sobretudo a sua autonomia, estabelecendo, para isso, uma prática dialógica na escola. Freire ressalta a importância da dimensão cultural no processo de transformação com base na cultura do povo.

De acordo com a entrevista realizada pelo WhatsApp, e a nuvem de palavras, que se baseia na técnica *free elicitation*, verifica-se que muitos são os fatores que impedem que os docentes de fato se reconheçam e se assumam como intelectuais que vão desde a estrutura escolar, direção, utilização de livros didáticos, às questões relacionadas à formação inicial e continuadas. Mas, que à luz da teoria de Freire, podem ser superados através de luta, resistência, competência científica, ética, democracia, coerência e tantos outros quesitos que o ensinar exige.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem dissidência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Ensinar se diluía na experiência realmente fundaste de aprender. Inexistente validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado.

Segundo Freire, (1996), quando vivenciamos a autenticidade exigida pela prática do ensino aprendizagem, compartilhamos de um conhecimento total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética, em que a beleza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade. Portanto, quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o conhecimento, sem o qual não alcançamos a aprendizagem total.

O professor, considerado como elemento mediador do processo ensino-aprendizagem, tem influência direta nas situações que ocorrem em sala de aula, no relacionamento aluno e professor, no planejamento, se adequando as condições de aprendizagem e no relacionamento com os demais colegas de profissão. Nesse contexto, percebe-se a necessidade da capacitação profissional contínua do docente para o ensino em todas essas dimensões, que interferem positivamente na sua formação crítica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. Por uma pedagogia criadora e imaginativa: retratos de uma prática docente transformadora. **Informação em Pauta**, n. Especial, v. 4, p. 62-82, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/114027>. Acesso em: 05 set..2021.

ARRUDA, Eduardo Martins de; SOUTO, Hugo Medeiros; ARAGÃO, Wilson Honorato. Liderança do educador e empoderamento do educando como instrumentalização no construto ético-moral-social sob a ótica freiriana. **Informação em Pauta**, n. Especial, v.

4 n. especial, p. 176-191, 2019. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/125467>. Acesso em: 05 ago.2021.

BEZERRA, Arthur Coelho; BELONI, Aneli. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. **Em Questão**, n. 2, v. 25, p. 208-228, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/113749>. Acesso em: 05 jun.2021.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura.

DataGramZero, n. 6, v. 3, 2002. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5446>. Acesso em: 05 ago.2021.

FASANELLO, Marina Tarnowski; NUNES, João Arriscado; PORTO, Marcelo Firpo.

Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando

criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. **Revista Eletrônica de**

Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, n. 4, v. 12, 2018. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/129291>. Acesso em: 10 jul.2021.

FIGUEIRÊDO, Aline Alves; MAYER, Verônica Feder. A imagem dos destinos turísticos: a cidade de São Paulo sob o olhar de jovens do Rio de Janeiro. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 3, art. 2, p. 445-469, 2010. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1465/1/32%20-%20Aline%20Figueiredo.pdf>.

Acesso em: 11 jul.. 2021.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**:o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: <http://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/>.

Acesso em: 07 jun.. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São

Paulo: Paz e Terra, 1996, pp. 28-31. Disponível em: [http://cpers.com.br/paulo-freire-](http://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/)

[17-livros-para-baixar-em-pdf/](http://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/). Acesso em: 09 jul.. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43.

ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Disponível em: <http://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho

d'Água, 1997. Disponível em: <http://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIROUX, Henry. A. **Professores como intelectuais transformadores**. In: Os professores

como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GODOY, Arilda. Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/>. Acesso em: 01 set., 2021.

IJUIM, Jorge Kanehide. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Em Questão**, n. 2, v. 15, p. 31-43, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9051>. Acesso em: 05 jun., 2021.

LAHNI, Cláudia Regina. Rádio comunitária autêntica e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 11, p. 32-43, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142503>. Acesso em: 03 ago., 2021.

LIMA, Etelvina. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 2, v. 11, 1982. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/74838>. Acesso em: 05 jul., 2021.

LOCKHART, John. Revendo Paulo Freire E Sua Relevância Para A Intervenção Em Comunidades: as fontes de minha "surpresa". **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 6 n.1 1996, 1996. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/90996>. Acesso em: 05 jul., 2021.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. A Mediação Da Informação Como Experiência De Negociação De Sentidos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 4, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119413>. Acesso em: 09 ago., 2021.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. A importância da mediação para a construção de uma autonomia no contexto dos usuários da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 2, v. 23, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93013>. Acesso em: 07 ago., 2021.

SILVA, Márcio Felipe Albuquerque Prazim da; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. Socialização da informação: possíveis contribuições de Paulo Freire à Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, n. 2, v. 8, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/25020>. Acesso em: 05 jul. 2021.

SILVA, Márcio Felipe Albuquerque Prazim da; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. Socialização da informação: possíveis contribuições de Paulo Freire á Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v.8, n.2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/25020>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SILVA, Maria Conceição; SILVA, Fernanda Mirelle Almeida; AQUINO, Mirian de

Albuquerque. A Biblioteca Digital Paulo Freire Recuperando O Conteúdo Freireano Para Consolidação De Políticas De Ações AfirmativaS. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 2, v. 18, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93225>. Acesso em: 08 ago.,2021.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 3, v. 23, p. 362-371, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109176>. Acesso em: 10 jul.,2021.

SOUTO, Ingrid Nicola; LAPA, Andrea Brandão. Formação crítica mediada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação: um desenho de pesquisa qualitativa. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 17, p. 88-103, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142728>. Acesso em: 11 ago.,2021.